

NEM TUDO O QUE RELUZ É OURO:
metodologia dialética na EJA e os desafios do educador na
contemporaneidade.

Rejane Beatriz Verardo¹

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo suscitar reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA, sob um olhar crítico, trazendo para discussão e análise o Método Materialista Dialético de Paulo Freire, de encontro com a Metodologia Dialética de Celso Vasconcelos. Percebendo a carência de uma política pedagógica específica que pense a práxis do ensino-aprendizagem nos anos iniciais da EJA, senti a necessidade de aprofundar o assunto sobre a metodologia dialética, levando em conta suas especificidades e contribuir, no sentido de repensar a práxis docente, se quisermos de fato fazer a transformação da realidade. O método dialético de conhecimento se pauta, pois, pela construção do conhecimento a partir do movimento do pensamento que vai do abstrato (enquanto indeterminado, com relações não apreendidas) ao concreto (de pensamento). Como superação da metodologia tradicional, exige-se: Mobilização para o Conhecimento; Construção do Conhecimento; Elaboração da Síntese do Conhecimento. (VASCONCELOS, 1992). A prática do diálogo na Educação, será sempre uma ação humanizadora, nunca uma ação de conquista, de subjugo, mas de libertação. O maior esforço para a mudança do trabalho será recompensado pelo retorno que se obterá tanto por parte dos alunos como por parte do próprio educador, na medida que desenvolve um trabalho menos alienado, mais humano.

Palavras chave: Metodologia Dialética. Método Materialista Dialético. EJA. Práxis. Educação. Ensino-aprendizagem. Construção do Conhecimento.

¹ Graduada em Pedagogia, desde 2014, Instituição de Ensino UniRitter, Porto Alegre/RS. Artigo de conclusão do curso, professora orientadora: Maria Beatriz Paupério Tilton.

INTRODUÇÃO

A partir das reflexões sobre minha prática de estágio curricular do VII semestre, cujo tema Lendo o Mundo Através dos Livros, com uma turma de nível 2 da EJA, percebi que nem tudo o que pensamos fazer pode dar certo ou estar a contento dos alunos em questão e que precisamos estar preparados para enfrentar os desafios e mudar de estratégia, quando nossos métodos pedagógicos não estão adequados à realidade do aluno. O comprometimento com a docência reflete nas nossas ações como o resultado do nosso trabalho.

O que me levou as seguintes inquietações: Será que planejamos para nossos alunos ou para nós mesmos? Até que ponto possibilitamos o protagonismo do educando na busca do conhecimento?

O objetivo deste trabalho é suscitar reflexões sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na EJA, sob um olhar crítico, trazendo para discussão e análise o Método Materialista Dialético de Paulo Freire, de encontro com a Metodologia Dialética de Celso Vasconcelos. Percebendo a carência de uma política pedagógica específica que pense a práxis do ensino-aprendizagem da EJA, senti a necessidade de aprofundar o assunto sobre a metodologia dialética nos anos iniciais da EJA, levando em conta suas especificidades e contribuir, no sentido de repensar a práxis docente, se quisermos de fato fazer a transformação da realidade.

1.METODOLOGIA DIALÉTICA: conceito e origem

Dialética é uma palavra com origem no termo em grego *dialektiké* e significa a arte do **diálogo**, a arte de **debater**, de **persuadir** ou **raciocinar**. Para os gregos, dialética era separar fatos, dividir as ideias para poder debatê-las com mais clareza. A dialética também é uma maneira de filosofar, e seu conceito foi debatido ao longo de décadas por diversos filósofos, como Sócrates, Platão, Aristóteles, Hegel, Marx, e outros. Dialética é o poder de argumentação, mas também pode ser utilizado em um sentido pejorativo, como um uso exagerado de sutilezas. Consiste em uma forma de filosofar que pretende chegar à verdade através da contraposição e reconciliação de contradições. A dialética propõe um método de pensamento que é baseado nas contradições entre a unidade e multiplicidade, o singular e o universal e o movimento da imobilidade. O método dialético de conhecimento se pauta, pois, pela construção do conhecimento a partir do movimento do pensamento que vai do abstrato

(enquanto indeterminado, com relações não apreendidas) ao concreto (de pensamento).

Primeiro farei uma crítica à metodologia expositiva destacando dois aspectos, primeiro do ponto de vista pedagógico corre-se o risco de não aprendizagem em função do baixo nível de interação entre sujeito-objeto de conhecimento. Segundo, do ponto de vista político o grande problema é a formação do homem passivo, não crítico, bem como o papel que desempenha como fator de seleção social. A Metodologia Dialética baseia-se em outra concepção de homem e de conhecimento. Entende o homem como um ser ativo e de relações.

De acordo com Vasconcelos (1992), a teoria dialética do conhecimento nos aponta que o conhecimento se dá basicamente em três grandes momentos: a Síncrise, a Análise e a Síntese. Ora, sendo essa dinâmica de conhecimento universal, vale também para a metodologia pedagógica em sala de aula. Ocorre, no entanto, que a sala de aula tem uma especificidade, qual seja, o processo de conhecimento por parte dos educandos é dirigido pelo educador. Em função desta situação, tem-se a necessidade de uma tarefa de caráter pedagógico, referente à mobilização para o conhecimento, o que quer dizer que cabe ao educador não apenas apresentar os elementos a serem conhecidos, mas despertar, como freqüentemente é necessário, e acompanhar o interesse dos educandos pelo conhecimento.

O PAPEL DO EDUCADOR

Nós, educadores, somos mediadores entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Partindo desse pressuposto, fazer a transformação da realidade através da educação, é provar que não há nada mais sublime do que a docência fundamentada em uma educação inclusiva que valoriza as potencialidades de cada um, permitindo que se dê a aprendizagem à qualquer tempo. Freire nos diz que

o educador, como tarefa primeira, tem que ter uma definição sobre seu papel, saber porque ele deve existir (ou não). Se não tem convicção disso, como pode educar? O específico do educador não se restringe à informação que oferece, mas exige sua inserção num projeto social, a partir do qual desenvolva a capacidade de desafiar, de provocar, de contagiar, de despertar o desejo, o interesse, a vida no educando para que possa se dar a interação educativa e a construção do conhecimento, bem como a instrumentalização, para que o educando possa continuar autonomamente a elaboração do conhecimento. (FREIRE, 2011)

Deverá agir como "facilitador das relações" e "problematizador das situações". É claro que há a necessidade do educador dominar o conteúdo e dominar muito bem, para saber onde é importante dar ênfase, relacionar, criar, selecionar e organizar (caso contrário ele seria um simples "animador") (VASCONCELOS, 1992). A provocação para a aprendizagem tem a ver com a sensibilidade para com as pessoas a quem se dirige, com o significado que aquilo tem para ele, bem como a correlação que tem com a existência. Trata-se de acompanhar a caminhada do educando na sua relação com o conhecimento, estando atento às nuances, ao momento, ao grau de interação.

Sujeito ←-----→ Objeto de Conhecimento
Educador

Na metodologia dialética o objeto do conhecimento implica uma ação educativa no sentido de desafiar, estimular, provocar e ajudar o sujeito a estabelecer uma relação significativa com o objeto. É o que coloca Vasconcelos, quando se refere à metodologia dialética de conhecimento em sala de aula:

A tarefa pedagógica, por sua especificidade, implica que num determinado período de tempo, num determinado espaço, um determinado grupo de sujeitos se debruce sobre um determinado objeto de conhecimento. Para que o objeto de conhecimento que o professor propõe torne-se objeto de conhecimento para o aluno, é necessário que o aluno, enquanto ser ativo que é, esteja mobilizado para isto, ou seja, dirija sua atenção, seu pensar, seu sentir, seu fazer sobre o objeto de conhecimento. A tarefa do educador é ajudar o educando a tomar consciência das necessidades postas socialmente, colaborar no discernimento de quais são as essenciais e na articulação delas com o objeto de conhecimento em questão. Numa sociedade massificadora e alienante, fica evidente a dificuldade do educador em realizar esta tarefa, mas também, por isto mesmo, a sua importância. (1992).

Neste sentido, Freire acrescenta que é preciso possibilitar que, “voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica” ou seja, “na formação permanente dos sujeitos, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática.” (1996, p. 39). Daí afirma Freire que “a reflexão crítica sobre a prática se torna exigência da relação teoria/prática sem a qual a teoria pode ir virando blá-blá-blá e a prática ativismo” (1996, p. 22),

O educador-mediador é aquele que olha para dentro do seu aluno, que é capaz de sentir, de escutar, que se preocupa com as aprendizagens do aluno, que inova sem medo de arriscar, que transmite confiança e que acredita no potencial de cada um, no sentido de desafiar, estimular, provocar e ajudar o sujeito a estabelecer uma relação significativa com o objeto de conhecimento.

- **APRENDIZAGENS SIGNIFICATIVAS: EJA – ANOS INICIAIS**

Exemplo de prática desenvolvida com uma turma de nível 2, da EJA, no estágio curricular do VII semestre: Dentre tantas atividades significativas, destacarei a nossa visita à biblioteca da escola, onde realizamos uma pesquisa de campo. Tal atividade teve como proposta mobilizar o grupo no sentido de fazer uma releitura da biblioteca como um espaço cultural e de pesquisa, destinado a levar conhecimento às pessoas através dos livros. A turma toda tinha vergonha de ir à biblioteca porque se sentiam constrangidos por não saber ler e escrever corretamente. Foi então que pensei em incluir esta atividade, porque depois de observar e indagar sobre esta questão, descobri que alimentavam o desejo de poder sentar na biblioteca e ler um livro ou até mesmo retirá-lo emprestado para ler em casa, como outros alunos da escola fazem. Depois da visita os alunos pareciam ter quebrado o gelo. Sentiram que era possível participar de todos os espaços da escola e usufruir das coisas que tem a oferecer. Mais felizes ficaram quando, finalmente, retiraram o seu primeiro livro emprestado da biblioteca, formalizando o cadastro.

Às vezes basta um empurrãozinho e tudo se modifica. Mas, para que isso aconteça é preciso alguém com olhos de ver, com ouvidos de ouvir, com a sensibilidade de perceber as reais necessidades dos alunos. Essa é a verdadeira função do educador, a de abrir portas para consumir a inclusão na sua plenitude. Não a de transmitir conhecimento, mas, de ensinar a pescar o próprio peixe, com justiça, com dignidade e, sobre tudo, com respeito.

Uma educação significativa deve partir das condições concretas de existência e para isto, o educador, enquanto articulador e coordenador do processo, precisa ter um bom conhecimento da realidade com a qual vai trabalhar: alunos, escola, comunidade, sociedade, assim como a ciência que vai ministrar. Não se trata de conhecer a "vida íntima" de cada aluno, membro da comunidade, etc., mas de apreender suas principais características, seus determinantes. Com relação aos alunos, é importante que conheça suas necessidades, interesses, representações, valores, experiências, expectativas, problemas que se colocam, etc., como forma de ter pontos

articulação com o conhecimento a ser construído. O educador deverá entender o educando, seu ponto de vista, para saber como ajudá-lo na construção do conhecimento (seja pelo estabelecimento de contradição, pela problematização, etc.). (VASCONCELOS, 1992)

NA AÇÃO-REFLEXÃO-AÇÃO QUE SE DÁ A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

É na ação-reflexão-ação que construímos conhecimento. Do ponto de vista pedagógico para Vasconcelos (1992), quanto mais próximo for o processo de direção, por parte do educador, do processo de elaboração do conhecimento, maiores serão as probabilidades de uma assimilação eficaz. Mais próximo não significa, necessariamente, "mais concreto", no sentido vulgar (como empírico, palpável) e sim, mais concreto no sentido filosófico (síntese de múltiplas determinações). Lembro os três sustentáculos da educação que fornecem, de algum modo, os elementos básicos para aprender a viver juntos: APRENDER A CONHECER - APRENDER A FAZER - APRENDER A SER.

Compreender o mundo para fazer a transformação da realidade. O ato de transformar o mundo e de compreendê-lo no processo de sua transformação acaba sendo, necessariamente, um ato social, coletivo, que não deve significar ação de um sobre o outro, de um para o outro, mas sim de um com o outro – e com todos os outros –, de forma verdadeiramente dialógica, sem opressores ou oprimidos. Neste sentido Freire diz que

a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar. (2005, p. 90)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da compreensão de mundo, a metodologia materialista dialética por Freire, é o processo pelo qual o sujeito enfrenta o fenômeno de pesquisa e o apreende e dele toma consciência enquanto totalidade. Esta metodologia fica clara na descrição, em Pedagogia do Oprimido, de como o educador investiga os temas geradores, de como ele, no diálogo com os educandos, consegue decodificar as temáticas significativas, de forma a ter acesso aos elementos constitutivos das situações-limite dos educandos. A investigação destas temáticas será, portanto, a

“investigação do próprio pensar do povo [...], que não se dá fora dos homens, ou em um homem só, ou no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade”. (FREIRE, 2005, p. 117).

A inter-relação professor/aluno, o conhecimento do meio ambiente onde vivem os educandos, a utilização dos diferentes meios de comunicação, pode contribuir, para o desenvolvimento pessoal e intelectual de cada aluno. Os conhecimentos básicos desempenham, aqui, um papel importante: ler, escrever e contar. Além das três dimensões da educação: ética e cultural; científica e tecnológica; econômica e social, a educação é, também, uma experiência social, em contato com a qual o sujeito aprende a descobrir-se a si mesmo, desenvolve as relações com os outros, adquire bases no campo do conhecimento e do saber-fazer. De acordo com Vasconcelos:

A tarefa pedagógica, por sua especificidade, implica que num determinado período de tempo, num determinado espaço, um determinado grupo de sujeitos se debruce sobre um determinado objeto de conhecimento. Para que o objeto de conhecimento que o professor propõe torne-se objeto de conhecimento para o aluno, é necessário que o aluno, enquanto ser ativo que é, esteja mobilizado para isto, ou seja, dirija sua atenção, seu pensar, seu sentir, seu fazer sobre o objeto de conhecimento. (VASCONCELOS, 1992)

É neste sentido que, para Paulo Freire, *“uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade”.* Para ele, *“a autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser”* (2002, p. 121). Ou seja, só pode haver autonomia para o ser inacabado que tomou consciência do seu inacabamento decidindo-se, ética e responsavelmente por sua própria liberdade. Nestes termos, *“ninguém é sujeito da autonomia de ninguém”.* (FREIRE, 2002, p. 121).

O diálogo aparece como categoria fundamental na escrita de Paulo Freire, é elemento constitutivo do agir humano. Uma reflexão não abstrata, interveniente e transformadora da realidade concreta, *“intervir no mundo”* é uma vocação ontológica, isto é, para além da tomada de consciência como uma espécie de qualidade extrínseca, dos fatos, dos acontecimentos, a conscientização é exigência humana, é um dos caminhos para por em prática da curiosidade epistemológica.

Para que haja uma aprendizagem significativa, o educador deve valorizar a autoria dos educandos, dando espaço para o protagonismo, através da participação

em grupo, do trabalho coletivo, contextualizado, da experiência, da pesquisa, partindo dos conhecimentos prévios da turma, fazendo com que o aluno desconstrua e reconstrua conhecimento, para fazer a transformação da realidade, partindo de situações reais e concretas.

Segundo Vasconcelos (1992):

A educação dialética, apropriando-se dessa percepção, procura traduzí-la pedagogicamente para a situação de sala de aula, onde também se coloca a necessidade de construção do conhecimento, respeitadas as devidas diferenças. Pela problematização o educador estabelece contradição com o conhecimento parcial, equivocado, que o aluno traz, possibilitando a superação deste estágio de conhecimento.

Como sustenta Paulo Freire:

“não haveria existência humana sem a abertura de nosso ser ao mundo, sem a transitividade de nossa consciência (2002, p. 98). Nesses termos, o nosso procedimento diz respeito à ontologia do inacabamento em Paulo Freire, para quem a “inconclusão do ser humano” é o seu ponto de partida, pois, “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. Mas só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente” (FREIRE, 2002, p. 55)

Para o Materialismo Dialético a totalidade, enquanto categoria filosófica, o objeto do saber, portanto, não pode ser o mundo abstrato, o mundo que existe apenas nas ideias, mas ao contrário, o mundo concreto, as situações reais, enfim, o mundo material. Abstrato e concreto formam um único método de conhecimento, onde como opostos se dialetizam no ato de pensar. Um conhecimento, para levar à ação, deve ser carregado de significado (compreensão) e de afetividade (envolvimento emocional).

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Paz e Terra, 2011.

VASCONCELOS, Celso. **Metodologia dialética em sala de aula**. Revista Educação. AEC. Brasília: abril de 1992, nº 83.